

# ECOTEATRO: CONSCIÊNCIA AMBIENTAL – UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

Emerson Luiz Gomes Carneiro<sup>1</sup>

**RESUMO:** A pesquisa ora apresentada tem como objetivo discorrer sobre a Análise Semiótica, através da simbologia utilizada na peça teatral *Consciência Ecológica* que é resultado de um projeto de pesquisa do curso Técnico em Meio Ambiente do Colégio Estadual Polivalente na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Utilizando parâmetros da Semiótica russa na área da cultura podemos observar como as mudanças ideológicas acontecem na plateia a partir da identificação das mensagens verbais e não-verbais do espetáculo que se utiliza da trilha sonora, das cores da reciclagem e da interação entre o mundo real e o imaginário na fauna urbana das nossas cidades para transmitir a mensagem. A metodologia utilizada foi com base na observação das reações das plateias diversas que acabam por reagir com similaridade. Denota-se, porém, ser perceptível a falta de consciência ambiental do cidadão comum, apesar do bombardeio diário da mídia em relação às questões ambientais na atualidade e suas consequências.

**Palavras-chave:** Semiótica; Questões ambientais; Simbologia.

## ECOTHEATER: ENVIRONMENTAL AWARENESS – A SEMIOTIC ANALYSIS

**ABSTRACT:** The research presented here aims to discuss the semiotic analysis, though the symbols used in the play *Ecological Consciousness* that is nothing more than the result of a research project of the Technical ongoing Environment Multipurpose State College in the city of Ponta Grossa, Paraná. Using Russian Semiotics of parameters in culture can be seen as the ideological changes happen in the audience from identifying the verbal and non-verbal spectacle which uses the soundtrack, the colors of recycling and the interaction between the real world and the imagery in the urban fauna of our cities to convey the message. The methodology used was based on the observation of the reactions of the various audiences that eventually react with similarity. It denotes, however, be noticeable lack of environmental awareness of the average citizen, despite the media daily bombardment on environmental issues today and its consequences.

**Keywords:** Semiotics; Environmental issues; Symbolology.

---

<sup>1</sup> Graduado em Comunicação Social – Jornalismo (UEPG) em 1995. Especialista em Comunicação e Semiótica (Faculdade Estácio de Sá) em 2014. Graduado em Licenciatura em Artes Visuais (Uninter) em 2019. Graduado em Licenciatura em Pedagogia (Uninter) em 2020. E-mail: emmerc@gmail.com

## INTRODUÇÃO

As questões ambientais, muito difundidas na atualidade, vêm ganhando espaço na mídia pelos constantes eventos resultantes dos efeitos climáticos que ocorrem em todo o planeta. Furacões, terremotos, tsunamis, secas, alagamentos, entre outros, já fazem parte do nosso jornalismo tanto quanto notícias de economia, política, esportes e entretenimento. A garota do tempo nos telejornais é uma personagem com a qual nos acostumamos nos folhetins eletrônicos com suas explicações meteorológicas e seus mapas com indicadores da catástrofe mais próxima. Diariamente ocorre um bombardeio de inúmeras notícias que trazem a temática ambiental como cenário de cataclismos e seu arcabouço de más notícias. Afinal, o jornalismo na atualidade, traz incessantemente notícias diárias de chuvas de fim de tarde que alagam avenidas, carros flutuam e pessoas são tragadas pelas correntezas dentro das cidades, ocasionando mortes e deixando atrás de si um rastro de destruição e dor.

Partindo desse princípio nasceu o projeto Consciência Ambiental que é resultado da parceria entre esta pesquisa no curso Técnico em Meio Ambiente do Colégio Estadual Polivalente, que resultou no texto do Ecoteatro: “Consciência Ambiental” com os projetos Pegada Ecológica do Instituto Ambiental Austral-IAAL e do Grupo Teatral Coisa Nossa. Esta proposta de Educação Ambiental através do teatro ecológico tem como finalidade uma mudança de paradigma no comportamento de agrupamentos humanos, sejam eles estudantes, operários da indústria, moradores de condomínios residenciais entre outros, pois são muitas as contribuintes das catástrofes ambientais através de seu comportamento consumista.

A união entre as instituições GTN, IAAL são resultado de uma série de atividades que vem acontecendo há certo tempo. O Instituto Ambiental Austral - IAAL filiado a União das Entidades Ambientais do Paraná - UNEAP vem participando de atividades de educação ambiental através do teatro desde sua participação no I Encontro das Águas patrocinado pela Itaipu Binacional, em Curitiba em 2006, logo em seguida em 2010 com as palestras de meio ambiente no Colégio Estadual Polivalente e recentemente em parceria com o Instituto Vila Velha – IVV, no programa 360 º da TV Comunitária de Ponta Grossa PR. O Grupo Teatral Coisa Nossa - GTCN já trabalha a temática ambiental há mais tempo, pois no ano de 1984 montou o espetáculo infantil “As beterrabas do Sr. Duque” e de lá para cá tem produzido diversos espetáculos nessa linha.

Como fundamentação teórica, a fim de analisar as características dispostas na peça *Consciência Ambiental*, foram utilizadas as seguintes obras: *Indústria cultural e sociedade* (2002) de Theodor Adorno; *O teatro que corre nas vias* (2017) de Marcelo Brito; *Marketing Verde Como Diferencial Competitivo: Um Estudo Em Uma Indústria Química Do Sul De Santa Catarina* (2015) de Felipe Buogo, Adriana Vieira e Julio Zilli; *Ecoteatro* (2010) de Pawlo Cidade; *O que é arte* (1995) de Jorge Coli; *Educação ambiental: princípios e práticas* (2010) de Genebaldo Freire Dias; *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (2005) de Jorge Duarte e Antonio Barros; *Estocolmo, Rio, Joanesburgo o Brasil e as Três Conferências Ambientais das Nações Unidas* (2006) de André Aranha

Côrrea do Lago; *Arte na Educação Escolar* (2009) de Maria Ferraz e Maria Fusari; *Semiologia da representação: teatro, televisão, história em quadrinho* (1975) de André Helbo; *Em busca de uma semântica do teatro infantil - algumas reflexões à luz da contemporaneidade* (2014); *Ensaio da Semiótica Soviética* (1981) de Lúri Lotman, Uspenski e Ivanov; *Concepção sistêmica do mundo: vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura Bakhtiniana* (2013) de Irene Machado; *O livro ilustrado dos símbolos* (2001) de Miranda Bruce Mitford; *Curso Básico de Teoria da Comunicação* (2001) de José Aroldo Pereira; *Linguagem da encenação teatral* (1998) de Jean-Jacques Roubino; e *Marketing Verde: em defesa do meio ambiente* (2009) de Maisa da Silva.

## 1 ECOTEATRO: CONSCIÊNCIA AMBIENTAL – UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

A peça teatral *Consciência Ambiental* é narrada por seus personagens principais que são o catador de recicláveis e a boneca de pano que durante todo o espetáculo discutem os passos da sustentabilidade ambiental urbana com temas como geração de resíduos sólidos, reciclagem, mudanças climáticas, cooperativismo, logística reversa, água e certificação ambiental.

O discurso é entrecortado por animais da fauna urbana, representados por bonecos de fantoche de vara, como o rato, o gato, o cachorro de rua e a mosca, que discutem a respeito da necessidade de implantação pelas cidades de aterros sanitários e questões de saúde pública. Tal utilização de animais falantes na trama demonstra uma particularidade do gênero teatro, isto é, a fábula, aos moldes aristotélicos. Nas entrelinhas da narrativa o tema da ecologia urbana é discutido por todos os personagens questionando a todo momento a plateia sobre suas atitudes ambientais urbanóides como consumo de água, energia elétrica, geração de resíduos entre outros.

A proposta cênica é apresentada toda em volta de um carrinho de reciclagem, pois o personagem principal está em pleno dia de trabalho, colocando esse ator social em evidência, sendo ele o vetor das mudanças de comportamento do público. Em contrapartida, a boneca de pano, que fora encontrada por ele no lixo e está a caminho da reciclagem questiona o catador sobre temas atuais como: direitos trabalhistas dos cooperados da reciclagem, atuações do poder público e outros pontos da legislação ambiental que servem como base de apoio para a educação ambiental e a mudança de paradigma no comportamento diário da plateia nas questões relacionadas com o meio ambiente urbano à sua volta.

A respeito desta consciência sócioambiental, no que se refere aos direitos trabalhistas, a peça toca em uma importante distinção entre as duas ocupações, a saber, o lixeiro e o catador de recicláveis. O lixeiro é amparado por lei com salário fixo, insalubridade devido ao contato com os materiais prejudiciais a saúde, como por exemplo, os materiais perfurocortantes que são mencionados na peça, e adicionais noturnos, seguro saúde, entre outros benefícios. Já o catador de recicláveis na maioria das cidades brasileiras não possui salário fixo, benefícios de saúde, nem tão pouco status social. Muitas pessoas se distanciam do catador de recicláveis, e não valorizam a importante ação social e ambiental que ele promove com a seletividade dos materiais recicláveis.

A intenção desta peça teatral, neste sentido, é a de promover uma maior valorização tanto para os temas de coleta seletiva e desenvolvimento sustentável quanto da dignidade humana contida neste trabalho, prezando pela ascensão social desse sujeito, em uma reflexão comunitária que perpetue por mais gerações.

A plateia, por sua vez, participa ativamente do espetáculo desde o primeiro momento já na cena inicial onde acontece a quebra da quarta parede com linguagem brechtiana da trama. Personagens e público, seja ele adulto ou infantil, conseguem rapidamente identificar-se com a temática e passam através de estímulos discursivos a comparar suas atitudes domésticas com as situações vivenciadas pelos atores em palco.

A organização artística do projeto preocupou-se desde os primeiros ensaios com uma distribuição das marcações cênicas, adaptando as apresentações para qualquer espaço físico, seja ele palco italiano, anfiteatro, rua, sala de aula ou chão de fábrica. As cores são, na realidade, outro tipo de elemento, importante na linguagem da apresentação, pois fazem referências às utilizadas no processo da reciclagem, também são discutidas no texto mostrando a relação delas com os recipientes de resíduos, azul para papel, verde para vidro, amarelo para metal, vermelho para plástico, além do branco para área de saúde, o do marrom para materiais orgânicos, preto para madeira, roxo para materiais radiativos, laranja para resíduos perigosos e cinza não reciclado ou contaminado.

Embalada pela trilha sonora, Reduzir, Reciclar e Reutilizar, a peça faz referência aos Três Rs da reciclagem. Desta maneira, o efeito que a música tem colabora com o propósito da peça teatral *Consciência Ambiental* de assimilar o tema por meio da arte.

O texto se renova o tempo todo, pois após as apresentações surgem temas propostos pelo público que são incorporados ao projeto. Uma contribuição significativa surgiu após uma apresentação para funcionários da limpeza pública local que colocaram suas experiências vivenciadas no dia a dia de trabalho nas ruas com objetos perfurocortantes como espelhos, vidros quebrados e agulhas; dispensados no lixo sem o devido acondicionamento adequado; o mesmo aconteceu em outra apresentação para funcionários dos Correios, que pediram a inclusão de uma discussão no texto sobre animais ferozes nas casas que não apresentam identificação.

O teatro nasceu na Grécia e há aproximadamente 600 anos antes de Cristo a arte teatral foi constituída de forma oficial, primeiramente através dos Festivais Dionisíacos, que começaram mostrando a história de Dionísio e suas façanhas com o vinho, passando por inúmeras transformações desde então até chegar aos dias atuais. Atualmente é apresentado de várias maneiras, uma delas é o teatro que tem finalidade educativa de proporcionar ao espectador uma nova forma de pensar e agir.

De acordo com a definição de Pawlo Cidade no texto *Ecoteatro* (2010), compreendemos que:

Ecoteatro para uns é arte, para outro, uma ciência. O fato é que é um ‘ramo do teatro que tem por objetivo aproximar o indivíduo do meio ambiente, através do jogo teatral, ou ainda: ação globalizadora de teatro e ecologia onde ele – Teatro – empresta a ela’ – a Ecologia – o caminho conducente à revelação de seus princípios (CIDADE, 2010, p. 16).

A concepção semiótica que define cultura como geradora de estruturalidade deriva de um atributo fundamental: a capacidade de transformar a informação circuncidante em conjuntos diversificados, porém organizados, de sistemas de signos, aptos a constituir linguagens tão distintas quanto à necessidade expressivas dos diferentes sistemas culturais.

Onde houver linguagem haverá texto, ainda que o oposto não seja uma evidência. Somente nesse sentido o texto da arte, dos ritos, dos meios de comunicação, das transmissões biológicas ou tecnológicas pode ser apreendido em linguagem modelizadas e estruturadas culturalmente. Com base em Lótman, Irene apresenta a seguinte definição:

Um sistema modelizante é uma estrutura de elementos e de regras de combinação de modo a estabelecer analogias com toda a esfera do objeto de conhecimento, previsão ou regulação. Por conseguinte, um sistema modelizante pode ser tomado de linguagem. Sistemas de linguagem natural como base e que adquire superestruturas suplementares, criando assim linguagem de segundo nível, podem adequadamente ser chamados sistemas modelizantes secundários (MACHADO, 2013).

A participação do espectador diante dos objetos artísticos caracteriza-se pela manifestação de suas atitudes e habilidades - culturalmente apreendidas – de gostar, compreender os trabalhos de arte e seus autores.

Esses saberes são resultantes de raízes culturais e de influências de seu ambiente cotidiano, educacional. Ao mesmo tempo, saberes oriundos de suas próprias experimentações, reflexões, estudos e intervenções como agentes da recepção artística. Em suma, os conhecimentos explicitados por espectadores, plateias, públicos a respeito de suas produções artísticas são também socialmente produzidos, não se caracterizando, portanto, como inatos nem espontâneos. Esse modo de relação público-arte é discutido por Coli (1982) que considera a apreciação artística como fruto de uma progressiva elaboração pessoal e coletiva perante a cultura.

As situações que dão conta de uma peça e os elementos atomizados da dramaturgia podem distinguir-se seguindo as unidades dramáticas intermediárias, definidas em linguagem tradicional, por uma ação relativamente autônoma e por uma estrutura significativa de seus intercâmbios. Seja para receber os sistemas de transações no espaço e no tempo formando uma articulação destes sistemas. O interesse da codificação surge perante os sistemas de uma metalinguagem mais especificamente em seu triângulo semiótico, a saber, texto, significado, significante.

Conseqüentemente, a semiótica da arte define-se pelo fato de se dirigir para um fim, o que implica a necessidade de procurar um conteúdo na obra de arte. É, precisamente, na ausência dessa necessidade que se estriba a diferença entre os fenômenos naturais e os produtos artísticos;

com efeito, os primeiros podem não ser (vistos imparcialmente) inferiores aos segundos, mas precisamente pelo fato de serem naturais, sendo necessária uma interpretação do seu conteúdo, não é possível a sua percepção estética.

Deste modo, tanto ao formar-se como nos seus resultados, a obra de arte pode constituir matéria de investigação semiótica. Uma determinada série de signos inspira ao artista um conteúdo que ele organiza parcialmente segundo regras formais (segundo a norma e os desvios desta), obtendo como resultado uma sucessão de símbolos que o espectador preenche com um conteúdo próprio (que só coincide parcialmente com o conteúdo dado pelo artista ou por outro espectador); aqui é que se verifica a transmissão do processo criador do artista para o espectador que é denotada como característica da arte (LOTMAN; USPENSKII e IVANOV, 1981).

### **1.1 O RITUAL**

A função mais geral da interação é da ritualização dos relacionamentos humanos. O teatro pressupõe entre todas as artes mais alto grau de ritualização. O que equivale a dizer que os valores rituais são convertidos pelo teatro em valores estéticos. Trata-se de um mecanismo que, ao assimilar as características gerais do ritual, lhes confere uma qualidade específica.

Todo ritual implica necessariamente uma linguagem que lhe é própria e consiste, sobretudo, em atribuir significações particulares a comportamentos habituais. A essência lúdica deste código tende a se dissimular por trás da acepção geral. Como a linguagem, o ritual se torna um jogo que nega sua própria essência. E desta autonegação emerge o valor cerimonial.

O teatro é uma manifestação estética da necessidade de ritual. É uma modalidade através da qual o homem compõe uma imagem de si mesmo; ele crê, dessa maneira, dominar sua condição transformando-a em objeto de contemplação (HELBO, 1975, p. 92, 93).

### **1.2 ESPETÁCULO, COMUNICAÇÃO E A INDÚSTRIA DA CULTURA**

Mas, qual é a finalidade do espetáculo? Ao contrário de uma comunicação qualquer, pois o mesmo consiste em transmitir certa quantidade de informações com a perda mínima de ruídos, o espetáculo teatral recorre à informação com o intuito exclusivo de provocar a negação da informação enquanto a conversão dela em experiência interior direta vivida por cada espectador. Os símbolos pressupostos pelo jogo dos protagonistas são confrontados com os símbolos íntimos (ocultos) de cada espectador. O destino do espetáculo não está na quantidade informacional, mas, sim, na quantidade emocional captada pelo público. A primeira condição será construir os símbolos e a segunda torná-los acessíveis.

A partir de uma reflexão a respeito da arte como comunicação cultural, tendo em vista as problemáticas do alto consumismo da sociedade, Theodor Adorno e Max Horkheimer criticam a utilização da arte como uma forma de mercantilização e geradora de subprodutos de consumo,

conceituada como Indústria Cultural. A este respeito, os autores afirmam no texto *Indústria Cultural e Sociedade* (2002) que:

O fato de oferecer ao público uma hierarquia de qualidades em série serve somente à quantificação mais completa, cada um deve se comportar, por assim dizer, espontaneamente, segundo o seu nível, determinado a priori por índices estatísticos, e dirigir-se à categoria de produtos de massa que foi preparada para o seu tipo. Reduzido a material estatístico, os consumidores são divididos, no mapa geográfico dos escritórios técnicos (que praticamente não se diferenciam mais dos de propaganda), em grupos de renda, em campos vermelhos, verdes e azuis (ADORNO; HORKHEIMER, 2002, p. 7-8).

Deste modo, a indústria cultural serve prioritariamente a uma visão capitalista e se configura em práticas que classificam os sujeitos do seu público alvo, criando modelos de clientes para a sua produção cultural. Vista dessa maneira, a arte é tomada como um instrumento de comunicação que visa o lucro e a movimentação de um mercado em torno da obra, servindo a propósitos paralelos que fogem a valorização da experiência humana.

Compreende-se aqui que a indústria cultural não atende as necessidades de seu público, mas fomenta uma glamourização e desejo de consumo frente a obra produzida, gerando renda e alimentando a própria indústria para a continuidade do ciclo de produção.

A respeito da imersão do espectador na obra, Adorno e Horkheimer comentam a respeito da aproximação da realidade fazendo uma comparação entre a obra cinematográfica e a obra teatral (p. 10). Uma produção que é financiada pela indústria cinematográfica, que gera bilhões em marketing e venda, serve aos propósitos da indústria cultural, e tem a intenção de aproximar o seu público da realidade dentro do filme, o que por sua vez atrofia a imaginação do sujeito. Isto o distingue do teatro ilusionista, que alimenta a imaginação do espectador, e da mais liberdade a criatividade do sujeito.

Tendo em vista que as peças se desenvolvem tanto em Teatros públicos, em escolas, e nas ruas da cidade, considera-se que os espectadores das artes cênicas podem desenvolver uma comunicação com o espetáculo de diferentes maneiras. Assim, o teatro além de refletir a vida cotidiana em temas essenciais para a sociedade, como no caso da peça *Consciência Ambiental*, é apresentado em uma interação entre público e plateia, em uma linguagem que informa e transforma.

A respeito desta liberdade frente aos espaços que a experiência teatral proporciona, concorda-se com as proposições do autor Marcelo Brito no texto *O teatro que corre nas vias* (2017), as quais afirmam que:

O teatro precisa ser esse organismo, se misturar, invadir a rua, ocupar seu espaço na cidade. Desde a Grécia Antiga, com o surgimento da tragédia, a cidade (pólis) já fazia parte dos questionamentos dos pensadores, artistas da época. Mesmo acontecendo no edifício teatral, construídos a céu aberto no alto das montanhas e colinas, o lugar da ação era a cidade e nas tragédias podemos encontrar entre seus temas centrais lutas, batalhas, disputa pelo poder, relações familiares e fatos cotidianos (BRITO, 2016, p. 29).

O teatro como comunicador dos conflitos cotidianos, abrange em sua estrutura flexível uma ampla capacidade de alcance, tanto no seu conteúdo, quanto nos espaços e na relação com o seu público. O fato da peça teatral *Consciência Ambiental* informar através de indentificações com situações do seu contexto social a respeito das diversas implicações sobre a reciclagem e os seus benefícios para o meio ambiente, nos revela esta dinâmica entre a obra de arte teatral e o seu público.

### 1.3 O PAPEL DO ESPECTADOR

Para compreender o espectador – esse personagem ligado com rigidez aos ritmos do cotidiano – seria necessário segui-lo no âmbito do cotidiano. Porque é precisamente esse cotidiano que ele se recusa a deixar. Desse modo, o espaço social do espetáculo é invadido pelos grandes fluxos do imenso espaço social, o que tem por mensageiro este espectador simultaneamente motivador e motivado pelo espetáculo.

A mobilidade acelerada das sociedades aumenta a necessidade de estabilidade dos indivíduos. Em última análise é um desejo explícito de *status quo* manifestado pelas tendências a transgredir as normas consagradas como prescrições conformistas por uma propensão ao espírito de intolerância às mudanças. Então a função social do teatro é precisamente favorecer a mudança neste domínio tão difícil que é o de conhecer a si mesmo.

E por se tratar de um peça teatral contemporânea que pode ser voltada para o público infantil, tendo em vista que o teatro como arte envolve atores e público, concordamos com as proposições do autor Luvio Garcia Leyva do texto *Em busca de uma semântica do teatro infantil* (2014), que afirma que:

[...] é precisamente a multiplicidade de identidades, práticas ou disciplinas teatrais, permeadas pelos processos diferenciados em seu interior, e a sua relação com as diversas culturas infantis e a suas performances, as que conformam um tecido heterogêneo que demarca, à luz da contemporaneidade, o termo teatro infantil. Essa seria uma definição que se aproxima mais das atuais realizações cênicas e das dinâmicas e complexas relações entre o teatro e a infância (LEYVA, 2014, p. 36).

Desta maneira, compreende-se que o teatro se caracteriza por um efeito lúdico que colabora com efeito estético, e ainda relaciona temas da atualidade, fazendo com que espectadores de diversas classes sociais, em suas múltiplas identidades e com suas diferentes conhecimentos culturais possam se colocar na peça com maior nível identificação. Os animais na peça, por exemplo, utilizam algumas gírias na linguagem que aproximam o espectador mais jovem, e a depender do contexto social que cada pessoa da plateia vive, tal medida traz uma maior proximidade.



Quando um espectador assiste a uma peça de teatro, além de limitações de espaço, tempo e ação, encontra-se normalmente perante limitações valorativas (princípios morais). Ele pode não estar de acordo com elas na vida, não artisticamente, mas se as aceita como ponto de partida estará em condições de receber uma satisfação estética (HELBO, 1975, p. 92-93; 99, 102).

A utilização do espaço na peça *Consciência Ambiental* está diretamente relacionada a Educação ambiental, que deve prover os meios de percepção e compreensão dos vários fatores que interagem no tempo e no espaço para modelar o meio ambiente. O conhecimento em questão deveria ser adquirido por meio da observação, do estudo e da experimentação. Deve também definir valores e motivações que conduzam a padrões de comportamento de preservação e de mudanças ao meio ambiente. (DIAS, 2010, p. 148).

Segundo o livro *Ecopedagogia: educação e meio ambiente* (2012) de Livia Albanus e Cristiane Zouvi, o ser humano e meio ambiente desde o princípio se relacionam por meio do conhecimento e da produção do homem sobre este espaço. As autoras afirmam que:

O homem aprendeu a compreender e controlar a natureza e, transformando-a para sua sobrevivência, aprendeu a reproduzir grãos e a domesticar e criar animais. Com isso, originam-se as primeiras tribos, que viviam em comunidade e desenvolviam o trabalho de forma cooperativa: os homens caçavam e as mulheres plantavam e colhiam. Esse processo contribuiu significativamente para o aumento populacional e para o surgimento de vilas e cidades que se dedicavam à agricultura (ALBANUS; ZOUVI, 2012, p. 14).

A partir deste processo agrícola, o ser humano construiu seu sustento e sua sociedade com base na exploração dos recursos naturais e consecutivamente surgiu uma responsabilidade de preservação e restauração do meio ambiente, que vem sendo negligenciada ao longo dos anos com o crescimento populacional e urbano. Desta transformação social e ambiental, surgiram novas demandas de responsabilidade humana, as quais foram apresentadas na peça *Consciência Ambiental*, em suma, a reciclagem e o papel do trabalhador que participa deste processo.

Neste sentido, outra vertente da educação ambiental é tornar-se um parceiro indispensável a introdução de comportamentos para quem pretende vivenciar a sustentabilidade. Na sociedade, o marketing verde destaca a imagem daqueles que procuram um comportamento ecologicamente correto.

Desta maneira, procurando conceituar os objetivos da comunicação verde, pode-se concordar com Teixeira (2007 *apud* BUOGO; VIEIRA; ZILLI) ao afirmar que:

[...] O objetivo principal da comunicação verde é mostrar ao consumidor que um artigo ecologicamente correto, é também mais saudável para o consumo, a partir do momento em que reduzindo-se os danos ambientais, a qualidade de vida das pessoas, indiretamente, sofre melhorias. Ou seja, no Marketing Verde, a empresa divulga o que tem feito em prol do meio ambiente e, desse modo, procura sensibilizar o consumidor para que ele também participe deste processo, já que a responsabilidade de preservar os recursos escassos é de todos [...] (TEIXEIRA, 2007 *apud* BUOGO; VIEIRA; ZILLI, 2015, p. 63).

Com a possibilidade cada vez maior do aquecimento global ser uma realidade a sociedade busca novos conceitos, surge então a adesão do mercado para as questões de sustentabilidade, por exemplo, as empresas estão cada vez mais preocupadas em agregar sua imagem às reformas ambientais pelas quais a humanidade está passando. Das primeiras experiências do passado recente com ações localizadas as atuais campanhas que contemplam ações a médio e em longo prazo dentro das instituições.

Com base em Polonsky, a autora Maisa da Silva afirma no texto *Marketing Verde: em defesa do meio ambiente* (2009), que:

[...] Marketing Verde ou Ambiental consiste em todas as atividades desenvolvidas para gerar e facilitar quaisquer trocas com a intenção de satisfazer os desejos e necessidades dos consumidores, desde que a satisfação de tais desejos e necessidades ocorra com o mínimo de impacto negativo sobre o meio ambiente (SILVA, 2009, p. 9).

A nova era a qual se vivencia, além de tsunamis, furacões, e novas palavras que a mudança climática trouxe para a gramática também, apresenta um novo comportamento que está relacionado com a consciência ambiental planetária. Esse tema deixou os bancos escolares das universidades e chegou ao cidadão comum que também está familiarizado com essa temática. O que antes era assunto dos catedráticos agora é assunto das conversas cotidianas dos trabalhadores que percorrem as cidades diariamente nos transportes públicos em direção ao seu local de ofício.

Assim, a educação ambiental mobiliza tanto o exercício de cidadania das pessoas, quanto coopera para a produção de conhecimento científico na área, promovendo uma ação conjunta entre teoria e prática social. Desde o processo rural no plantil, na conservação de adubo, até o reaproveitamento dos materiais recicláveis na confecção de novos produtos, a educação ambiental vai tratar daquilo que todos podem conhecer e praticar.

E a nível insitucional e governamental, algumas medidas buscam ampliar as discussões, e compartilhar o conhecimento dos processos de sustentabilidade.

Uma dessas medidas foram as Conferências promovidas pelas Organizações das Nações Unidas (ONU). A segunda delas ocorreu na cidade brasileira do Rio de Janeiro, que reuniu representantes de 172 países, para tratar de temas socioambientais, nas quais o Brasil desenvolveu um importante papel. De acordo com André Aranha Côrrea do Lago no Documento *Estocolmo, Rio, Joanesburgo o Brasil e as Três Conferências Ambientais das Nações Unidas* (2006), compreendemos que:

O enriquecimento do debate em torno da questão do meio ambiente nas duas décadas entre Estocolmo e o Rio de Janeiro deu-se em todos os níveis – governamental, não-governamental, empresarial, acadêmico e científico. O fato de que, entre 1973 e 1990, a proporção pública de países no mundo com sistemas democráticos tenha crescido de 24,6

para 45,4% 49 favoreceu a discussão dos chamados ‘novos temas’ – além de meio ambiente, direitos humanos, narcotráfico e diferentes tipos de discriminação – nos níveis comunitário, regional e nacional em países em desenvolvimento (LAGO, 2006, p. 18).

O Brasil foi palco de discussões importantes dentro do tema socioambiental, e mais ações e projetos que visem a propagação desses temas são fundamentais para que continuemos a cuidar do planeta para hoje e para as gerações futuras.

Neste sentido, pode-se concordar com Albanus e Zouvi, quando enfatizam que “Este é o papel da educação ambiental: formar cidadãos responsáveis e conscientes, que deem VALOR AO BEM AMBIENTAL, para que as gerações que hoje habitam o planeta e também para as futuras gerações” (ALBANUS; ZOUVI, 2012, p. 63).

Portanto, produzir obras de arte que atinjam todas as camadas da sociedade e modifiquem as ações de todas as partes para um bem comum, como é o caso da peça teatral *Consciência Ambiental*, é colaborar com o desenvolvimento da produção humana, tanto artística quanto sustentável, promovendo um diálogo com todos os públicos, e oportunizando aos espectadores serem agentes desta transformação social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de ser indicado o catador de papel como protagonista da história implica em uma mudança de conceitos para que se possa mudar a maneira de pensar, pois a sociedade atual vislumbra uma sociedade de *status*. Os catadores de recicláveis são vistos como pessoas que estão no estrato social mais abaixo da cadeia produtiva. Ninguém vê o bem que fazem à contemporaneidade.

Muitas vezes, sem direitos trabalhistas respeitados, em condições insalubres de trabalho e com baixo nível de alfabetização, estão sujeitos a todo tipo de trapaça por interlocutores mal intencionados no trato comercial de seus produtos. A leitura que se espera do público espectador, do estudante ao operário das fábricas, é que identifique no personagem central o papel que o seu trabalho traz em benefício da sociedade na atual conjuntura deste cenário que se vivencia.

Ao utilizar animais da fauna urbana do dia a dia, como o rato, gato, cachorro de rua e a barata, vistos na sociedade como símbolos de sujeira e transmissores de doenças, a peça denota que esses personagens interagem diariamente com a sociedade de humanos e no meio de relacionamento são o lixo gerado pelos cidadãos da própria sociedade. Então, sem consciência ambiental acredita-se que o simples fato de se jogar algo no chão, ou pela janela de um veículo as pessoas estão se desfazendo de um problema. O espetáculo mostra o contrário, pois a errônea atitude de se desfazer em qualquer lugar das coisas as quais se julga sem importância está alimentando uma cadeia de produção.

Ao buscar conscientizar o público através do imaginário coletivo, a simbologia dos elementos mostra como se deve interagir com o grupo social onde se vive. Tais atitudes fazem crer em um futuro melhor com a elevação da qualidade de vida da população.

Todo o texto tem um significado e ao utilizar recursos que se conhece no dia a dia, valendo-se de personagens fantásticos criar em cada um um desejo e uma vontade de recomeçar, de cuidar com mais atenção do meio em que se vive com esperança em um mundo cada vez melhor e ecologicamente correto. Uma nova ideologia com proposta de mudança é o produto cultural apresentado ao espectador.

Ser consciente é o primeiro passo à mudança, e o mundo precisa urgentemente dessa mudança. Mudança de atitude, de pensamento, de vida para uma existência mais saudável.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. O iluminismo como mistificação das massas. In: ADORNO (Org.). Seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida traduzido por Juba Elisabeth Levy... [et a1.]. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002 (p. 5-44).

ALBANUS, Lívia; ZOUVI, Cristiane. **Ecopedagogia: educação e meio ambiente**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

BRITO, Marcelo. **O teatro que corre nas vias**. Salvador: Edufba 2017. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/q77dz/pdf/brito-9788523220013.pdf>>. Acesso em: 05 jun 2020.

BUOGO, Felipe; VIEIRA, Adriana; ZILLI, Julio. Marketing Verde Como Diferencial Competitivo: Um Estudo Em Uma Indústria Química Do Sul De Santa Catarina. RECC – **Revista Eletrônica Científica do CRA-PR**, v. 2, n. 2, p. 60-73, 2015.

CIDADE, Pawlo. **Ecoteatro**. Ubatuba: Via Litterarum, 2010.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 15. ed. Brasiliense, São Paulo – SP, 1995, p. 117-126.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2010, p. 201.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FERRAZ, Maria; FUSARI, Maria. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 2009.

HELBO, André. **Semiologia da representação: teatro, televisão, historia em quadrinho**. São Paulo: Cultrix, 1975.

LAGO, André. **Estocolmo, Rio, Joanesburgo: o Brasil e a três conferências ambientais das Nações Unidas**. Brasil, 2006. Disponível em: <[http://funag.gov.br/loja/download/903-Estocolmo\\_Rio\\_Joanesburgo.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/903-Estocolmo_Rio_Joanesburgo.pdf)>. Acesso em: 05 jun 2020.

LEYVA, L. Em busca de uma semântica do teatro infantil - algumas reflexões à luz da contemporaneidade. **Revista Aspas**, v. 4, n. 2, 2014, p. 27-38. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/86291>>. Acesso em: 05 jun 2020.

LOTMAN, Iúri; USPENSKII, Boris e IVANOV, V. **Ensaio da Semiótica Soviética**. Lisboa: Horizonte, 1981, p. 33-34.

MACHADO, Irene. Concepção sistêmica do mundo: vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura Bakhtiniana. Publicado na **Revista Estud. Discurso**. Vol.8, n. 2, São Paulo July/Dec. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S2176-45732013000200009>>. Acesso em: 20 dez 2014.

MITFORD, Miranda Bruce. **O livro ilustrado dos símbolos**. São Paulo: Publifolha, 2001.

PEREIRA, José Aroldo. **Curso Básico de Teoria da Comunicação**. São Paulo: Univer Cidade Editora, 2001.

ROUBINO, Jean-Jacques. **Linguagem da encenação teatral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SILVA, Maisa da. **Marketing Verde: em defesa do meio ambiente**. Niterói: 2009. Disponível em: <[http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/N202374.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N202374.pdf)>. Acesso em: 20 dez 2014.

**Recebido em: 26/10/2020**

**Aceito em: 01/04/2021**